

Universidade Federal de Ouro Preto

Memorial de Formação

Jonas Pinto Silva

MARIANA  
2021

JONAS PINTO SILVA

UM CALANGO FUGINDO DA GAROA:  
MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia para a disciplina de Monografia como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Juliana Cesário Hamdan

MARIANA  
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586u Silva, Jonas Pinto.  
Um Calango Fugindo da Garoa [manuscrito]: memorial de formação. /  
Jonas Pinto Silva. - 2021.  
28 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Cesário HAMDAN.  
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Memória. 2. Educação. 3. Formação . I. HAMDAN, Juliana Cesário . II.  
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 37

Bibliotecário(a) Responsável: Luciana De Oliveira - SIAPE: 1.937.800



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Digite o nome do autor (Apenas a primeira letra de cada nome, maiúscula)**

Jonas Pinto Silva

**Digite o título (Use letras maiúsculas apenas nos casos previstos nas regras ortográficas)**

Um calango fugindo da garoa: memorial de formação

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado

Aprovada em 30 de junho de 2021

Membros da banca

Orientador(a) (Juliana Cesário Hamdan)  
Doutora em Educação - UFMG  
Erisvaldo Pereira dos Santos - Doutor - UFMG

Juliana Cesário Hamdan orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 12 de agosto de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Cesario Hamdan, CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**, em 12/08/2021, às 19:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0206268** e o código CRC **A0D26B8E**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.008188/2021-64

SEI nº 0206268

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000  
Telefone: - www.ufop.br

Dedico este memorial aos meus avós, Anna e Evelton e ao meu irmão Elliot Joseph Richardson (in memoriam).

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, principalmente aos meus avós que compreenderam desde o início a importância do fenômeno educativo dentro da vida de um sujeito e estabeleceram a Educação como prioridade em nossa família. Agradeço pela disposição e pela atenção sempre, obrigado por terem acreditado em mim. Às minhas tias pelo incentivo e pela confiança em minhas capacidades e à minha mãe pelo apoio incondicional.

Aos meus amigos de São Paulo, por me acompanharem e me apoiarem em cada passo desta jornada, apesar da distância física, nunca me senti sozinho. Agradeço por sempre me receberem de braços abertos nos poucos momentos em que pude estar na presença de vocês nesses últimos quatro anos.

À Mariana por me receber tão bem e ser uma cidade tão receptiva e calorosa fazendo jus ao que eu sempre escutei sobre Minas. Ao “Seu Jadir” e o pessoal da pastelaria que sempre promoverem um refúgio em meio as turbulências e, principalmente, à todos os meus colegas de classe e professores por essa inexplicável experiência, somaram-se aprendizados e amizades que serão levados para a vida toda, muito obrigado!

À UFOP, pela oportunidade de realizar esse curso.

*(...) Um dia eu ainda vou me redimir por inteiro, do pecado do intelectualismo, se Deus quiser! Não vou ter mais necessidade de falar nada, de ficar pensando em termos desconstruídos, de tudo, pra tentar explicar as pessoas que eu não sou perfeito, mas que o mundo também não é. E que eu não estou querendo ser o dono da verdade, que eu não estou querendo fazer sozinho uma obra que é de todos nós e de mais alguém, que é o tempo, o verdadeiro grande alquimista. (GILBERTO GIL, 1973).*

## **RESUMO**

Este memorial de formação dividido em oito partes tem como finalidade abarcar processos, experiências e reflexões concernindo lembranças em ordem cronológica da infância, adolescência e idade adulta, transitando por todas as etapas da educação formal do ensino infantil ao ensino superior. A análise-poético-reflexiva nele adotada é intencionada para a valorização do mundo subjetivo das ideias e dos pensamentos. Adiciona-se a isso um caráter ensaístico que potencializa, sobretudo para mim mesmo, mas também para os leitores, uma compreensão de minhas memórias e de minhas reflexões, sobre minhas próprias experiências. Durante os períodos narrados, busca-se assemelhar o percurso autobiográfico de experiências reais de convívio e contexto social, bem como de formação dentro do ensino formal, com uma análise teórico-acadêmico-conceitual, principalmente apropriando-se do conceito de “memória coletiva” de Maurice Halbwachs (1990) que auxiliará no entendimento da memória do autor dentro da memória dos grupos que o cercam, tendo como foco sua família. A ressignificação e o retorno a partir da escrita proporcionam um entendimento valorativo sobre passagens da vida do autor. O texto tem o intuito de arquitetar leituras que buscam extrair considerações e contribuições que forneçam as bases hermenêuticas inteligíveis que sustentam a ideia levantada a partir das memórias e pensamentos do narrador-objeto.

Palavras-chave: memória, formação, experiências, memorial

## **Abstract**

This formation memorial divided into eight parts has the standard of encompassing processes, experiences and reflections concerning the chronological order of my childhood, adolescence and adulthood, moving through all stages of formal education from early childhood to higher education. The poetic-reflexive analysis adopted in it and intended to value the subjective world of ideas and thoughts. To this is added an essayistic character that enhances, especially for myself, but also for the readers, an understanding of my memories and my reflections, about my own experiences. During the narrated periods, we seek to resemble the autobiographical path of real experiences of social interaction and context, as well as training within formal education, with a theoretical-academic-conceptual analysis, mainly appropriating the concept of “collective memory” by Maurice Halbwachs (1990) who will assist in the understanding of the author's memory within the memory of the groups that surround him, focusing on his family. Resignification and feedback from writing provide a valuable understanding of the author's life passages. The text is intended for architectural readings that seek considerations and contributions to extract that provide as intelligible hermeneutic bases that support an idea raised from the memories and thoughts of the narrator-object.

Key words: memorial, memories, experiences, education

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Ensino Infantil na Escola Municipal de Educação Infantil Sena Madureira. ....	15
Figura 2 – As Festas .....	17
Figura 3 - Natal nos Estados Unidos .....	21

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 BECO FURADO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. ANOS DOURADOS .....</b>	<b>13</b>
<b>3. ENSINO FUNDAMENTAL II.....</b>	<b>18</b>
<b>4. SEM FRONTEIRAS .....</b>	<b>20</b>
<b>5. POR ONDE ANDA VOCÊ? .....</b>	<b>22</b>
<b>6. ESTRADA NATURAL .....</b>	<b>23</b>
<b>7. PEDAGOGIA, A DOCÊNCIA, O SONHAR E A UTOPIA .....</b>	<b>24</b>
<b>CONCLUSÕES FINAIS .....</b>	<b>25</b>
<b>REREFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>28</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente Memorial de Formação, documento exigido como requisito para obtenção do título de Licenciatura do Curso de Pedagogia, com habilitação em Educação Infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental da Universidade Federal de Ouro Preto, tem como objetivo a produção de um texto narrativo dentro da adoção de uma postura metodológica, ou seja, trazer as experiências sensoriais e sociais do indivíduo para uma análise dessa trajetória por meio de concebê-la através de um olhar acadêmico. O memorial apresenta impasses e aberturas para novos desdobramentos, no que diz respeito, à uma possível mudança do próprio conceito que o sujeito tem sobre essas experiências e, por fim, sobre a sua própria história. Assemelhar o percurso autobiográfico que se caracteriza principalmente no passado, às concepções, ideias, pensamentos do presente, funciona como uma âncora de formação. Evidentemente, o retorno a si mesmo por esse caminho conceitual-teórico é um precursor de uma busca por unidade e coerência intelectual que, ao meu ver, tanto a maturidade quanto o encerramento desse período de graduação exigem, para que se possa prosseguir para um novo ciclo.

Portanto, nesse memorial a estrutura caminha por um segmento narrativo, no intuito de realizar a contextualização do período histórico de minha vida, bem como, do meu processo de formação e dos pressupostos cognitivos que permeavam a experiência vivida ou a memória transmitida de cada época.

Como aporte teórico, a conceitualização e o debate trazido por Maurice Halbwachs em “A Memória Coletiva” (1990) é fundamental para a construção dessa narrativa mnemônica a partir de memórias e lembranças que vão para além de minha própria memória, e que caracterizam o lugar do narrador dentro da memória coletiva de um grupo.

A ordem narrativa acompanha um plano cronológico, em que a infância, adolescência e a vida adulta servem como pano de fundo para a mobilização teórico-reflexiva da experiência vivida dentro dos espaços escolares, assim como, da própria subjetividade da ênfase em determinados acontecimentos que, dentro dessa perspectiva, são fundamentais no entendimento da dimensão hermenêutica da mediação biográfica. Eu faço uso de contribuições textos de Adauto Novaes inseridos no livro “Tempo e História” (1992), em que a principal discussão trazida para este memorial se realiza dentro do estudo da funcionalidade da memória dentro do passado em relação ao presente, e esse movimento de compreensão do passado pelo presente e do presente pelo passado.

Como uma possibilidade de “produto” desse exercício reflexivo a partir das reflexões sobre as minhas experiências formativas este memorial é, portanto, uma instância de ressignificação. A partir dessa revisitação, se concebe um novo sujeito dentro dos discursos produzidos por ele em relação à exterioridade dos acontecimentos sociais dos quais ele participa

ativamente. Por fim, me coloco do lado de fora e mobilizo essa separação do objeto e do autor, buscando por definir um sentido mais amplo de minhas experiências e dos meus pensamentos como sujeito formado e em formação.

## 2. **BECO FURADO**

Na maior cidade da América do Sul, no bairro da Bela Vista, região central da capital, às 9 horas da noite, Maria Cristina dava à luz. Naquele instante de eternidade foi constatado que quem vós escreve, ainda anônimo, não era uma bebê comum. O pé esquerdo virado para trás estivo curupira e a fenda na parte esquerda do lábio que atravessava o palato e o céu da boca premeditava as complicações que se seguiriam e que o marcariam por toda sua vida. Ainda naquela mesma noite o médico sugeriu “Hugo” que, em seu entendimento, seria um nome forte para uma criança que precisaria de coragem e força. Minha mãe, por outro lado, preferiu algo mais dramático, Jonas! O profeta que desobedeceu às ordens de Deus e foi engolido por um peixe gigante (baleia para os populares) e esse foi o início de tudo.

Antes de dar segmento, friso a importância do papel que a memória coletiva manifesta em vários dos relatos aqui destacados no percurso da minha vida, principalmente quando esta se aglutina à minha própria memória individual. A memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo delimitada à um grupo dentro de um espaço e de um tempo e por sua própria definição ela não ultrapassa os limites desse grupo. Ela vive na consciência deste que a mantém, porém, é importante frisar que apesar de alguns desses relatos nascerem de uma memória coletiva da qual a minha família estimula e é estimulada, há de se considerar também a memória individual do sujeito. (HALLBWACHS, 1990).

Segundo Hallbwachs (1990, p. 82) “(...) o indivíduo participaria de duas espécies de memórias. Mas conforme, participe de uma ou de outra, adotaria duas atitudes muito diferentes e mesmo contrárias”. Ainda há a questão do interesse pessoal em relação à memória e como essa memória, no caso, memória individual, se relaciona com as lembranças da memória coletiva a partir do grau de contato ou mesmo da importância dada à ela e aqui faz-se distinguir ou dar maior importância a certas lembranças individuais dentro da memória coletiva do grupo. Por isso, é importante perceber que a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e “[...] que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.” (HALLBWACHS, 1990, p. 51).

Existem notórios momentos na minha infância dos quais não me recordo propriamente, revisito-os através de uma memória coletiva, principalmente pelo olhar de minha mãe e de

minha avó. Esses três primeiros anos de vida foram de certa forma obscuros, depois do rebento, passei alguns meses internado, houve visitas frequentes ao Hospital das Clínicas, cirurgias urgentes. Nesse meio tempo, houve uma viagem ao Chile que me rendeu um novo idioma e um cabelo loiro fruto de uma água oxigenada que minha mãe passou em mim. Minha avó relata esse retorno ao Brasil:

“Vocês moravam em um apartamento ali na Anhangabaú, sua mãe saía para trabalhar. Ela ainda trabalhava lá no Tribunal (Regional Eleitoral) e eu ficava com você a tarde. Ela não me deixava dar nada para você, você fazia uma carinha tão triste quando eu ia embora, sempre parecia com fome”. (SILVA, 2021)

Então, o que aconteceu a seguir é o desencadeamento de alguns acontecimentos que mudariam para sempre a vida de minha mãe e a minha. Não se sabe ao certo o que levaram as coisas a mudarem tão bruscamente. Num impulso minha mãe deixa o cargo no Tribunal, vende todas as suas coisas e decide se mudar para a Bahia comigo e então esse é o estopim. A partir desse momento há uma intervenção por parte do resto da família que impede que essa viagem seja realizada.

A linguagem é a articuladora formal e duradoura por onde a memória é transmitida dentro da vida social. Eu me lembro do que **não** vi porque me contaram. “Ao lembrar, reatualizo o passado, vejo, historio o que outros viram e testemunharam. (NOVAES, 1992, p. 28). Ouvir o incessante relato de minha mãe é reconstituir em mim mesmo um outro tempo existencial que não o meu próprio, remexer o pretérito no presente constituindo incorporando-o à minha identidade, já que sou memória e trânsito entre o passado e o presente, essa é uma condição que se exige deciframento dentro do convívio dos tempos. O que um dia à entristeceu, hoje também me entristece.

Naquele ano finissecular, terminal rodoviário do Tietê, meus avós maternos e minhas tias adentram o saguão de embarque, seguranças da rodoviária e agentes policiais os acompanham e vão em direção a minha mãe que está comigo no colo aguardando na fila para entrar no ônibus. O mandado judicial que havia sido expedido horas antes é apresentado e num movimento me tiram de seus braços e me colocam aos cuidados de meus avós e a partir daquele instante minha mãe nunca mais conseguiria se estabilizar financeiramente e psicologicamente.

Faço um adendo aqui porque nesses últimos anos estive por diversas vezes no Terminal Rodoviário do Tietê e toda vez que estou lá resgato esse passado que um dia foi presente. “A lembrança do imemorial: está é a descrição mais aproximada da reminiscência, que se utiliza da atualidade do presente para trazer de volta a realidade inatual do tempo reencontrado” (NOVAES, 1992. p.151). Sentado nos bancos tento me teletransportar para o instante que tudo aquilo ocorreu, nesses devaneios me perco num instante intemporal, aquele que não é nem passado nem presente, mas que se situa num entretempo a partir do qual a memória ganha o

“caráter de eternidade” (NOVAES, 1992. p.151). A descrição está a serviço da constituição do universo das impressões, que se materializa verdadeiramente dentro do núcleo da narração, narração esta que faço aqui e que faço quando estou na rodoviária, em que o real não é descrito, mas narrado, e esta diferença torna-se importante na medida em que esta narração está desde o princípio guiada pela reflexividade enquanto expressão da intuição ou da percepção do tempo. (conferir onde estas aspas se abrem e inserir ou retira-las, se for o caso) (NOVAES, 1992.)

Entrando na breve questão de meu pai, Sérgio: não houve pagamento de pensão, não houve teste de DNA, não houve reconhecimento, não houve interesse. Eu o vi apenas uma vez, mas a imagem dele não se imobilizou, conforme a vida foi decorrendo as minhas impressões se transfiguraram em novos apontamentos e algumas percepções se sobressaíram à outras. Mesmo o sentimento que um dia foi ruim, foi de raiva, hoje é de indiferença, o imaginário que tenho dele é um eterno espelho em que me observo e me transformo e onde retoco constantemente o seu retrato e o meu, apesar do ínfimo contato, acabo por me mudar a partir desse imaginário e dessa relação alçada no tempo e nos novos entendimentos e desdobramentos da maturidade.

### **3. ANOS DOURADOS**

Meus avós, funcionários públicos, aposentados do Correios, se conheceram na década de 50 e vivem juntos desde então. Nessa toada tiveram quatro filhos, três mulheres e um homem, oito netos, sendo eu o sexto a nascer, o único filho único dentre os netos. Moraram a vida toda na cidade de São Paulo, as três filhas se formaram no ensino superior, uma delas chegou até o doutorado. Uma família negra de classe média que sempre estabeleceu a educação como prioridade.

A partir desse momento a minha memória toma o protagonismo dos fatos escolhidos e relatados, apesar de ainda estar intrínseca à memória coletiva, aqui é onde algumas se acentuam e outras se diluem conforme a intensidade de minha relação individual e pessoal com elas.

[...] Aquele que amou mais lembrará mais tarde, declarações, promessas do outro das quais este não conservou nenhuma recordação. Isto não é sempre efeito de inconstância, da infidelidade, da imprudência. Mas ele estava muito menos engajado do que o outro nessa sociedade que repousava num sentimento desigualmente dividido. (HALLBWACHS, 1990, p. 30)

As lembranças dessa época se materializam pelo vidro da janela do táxi do meu avô no percurso entre a minha casa e a escola, atravessávamos a cidade, do Tucuruvi ao Ibirapuera, todos os dias. Me lembro de ao deitar no banco de couro do táxi conseguir enxergar as luzes

da cidade, dos semáforos vermelhos, laranjas, verdes, dos pingos da chuva que escorriam nos dias chuvosos, do barulho dos carros buzinando, freando, passando, do movimento do carro na lombada ou na curva, me lembro da voz do Arnaldo Jabor na rádio na estação CBN (Central Brasileira de Notícias) que vovô não cansava de escutar.

Todos aqueles espaços que visitei, eles recebem a marca da lembrança, do vínculo, cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível a mim. Essa foi a parte da minha vida que eu mais passei com o meu avô. Ele me levava, me buscava, me levava ao ponto de táxi, ficávamos lá, me levava nas corridas, íamos ao clube, assistia-o jogar futebol, voltávamos tarde para casa, as idas e vindas dentro daquele táxi.

São Paulo se materializa nessas relações com os lugares e os espaços, a minha escola ficava na Vila Mariana, minha casa no Tucuruvi aos pés da Serra da Cantareira, minha tia mais velha morava em Pinheiros, minha outra tia em Osasco, meu tio em Santana, o ponto de táxi era no Ipiranga, volta e meia íamos a casa de parentes em Guarulhos ou no bairro da Saúde, também no bairro da Lapa. Segundo Hallbwachs (1990, p.136) “As cidades se transformam no curso da história. [...] mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens”. Quando penso em São Paulo me vem uma condição identitária subtropical ambígua entre nascer nos Tristes Trópicos de Levis Strauss, mas dentro de um âmbito cosmopolita, não-provinciano, com o pé para o mundo, condição antropofágica que São Paulo sempre mobilizou dentro de mim, capitalizado entre a desenfreada busca pelo apogeu civilizatório de mau gosto, pautado no desenvolvimento e na “[...] feia fumaça que sobe apagando as estrelas” (CAETANO VELOSO, 1978), na contrapartida das interpéries do terceiro mundo que por algum motivo esta cidade ecuménica insiste em sintetizar, é de fato um lugar de amalgamação que não pode ser duplicado. Mais que lugar, ela se torna personagem. No palco da Panamérica de José Agrippino, busco no Viaduto do Chá o caminho entre meu coração humano e encontro meu coração urbano.

No coração da cidade, permaneci por três anos nessa primeira escola, o cheiro do coentro que exalava da cantina é a minha memória mais vívida daquele lugar. O resto das lembranças se apoiam nas fotografias que vovô tirou e que restaram daquele período. “Fotografar as suas crianças é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem do que foram [...]” (Bourdieu, 1979 *apud* LE GOFF, 1990, p.402).

Figura 1 - Ensino Infantil na Escola Municipal de Educação Infantil Sena Madureira.



Fonte: Acervo Pessoal (2002)

Em 2003, ingressei no primeiro ano do ensino fundamental I. Estudei na escola que minhas tias, meu tio e minha mãe estudaram, aqui ao lado de casa. Nesta escola permaneci por quatro anos. Foram anos importantes, principalmente para expandir as minhas relações de amizade e convívio com outras crianças.

Até hoje eu nunca pisei numa outra escola de tamanho tão assombroso quanto aquela. A cozinha e a cantina ficavam em lados opostos do pátio e só de ir e voltar de uma a outra já se passava mais da metade do recreio. Posso definir que, apesar da idade, aquela foi a minha época de “desbunde”, um período recheado de muita liberdade.

[...] podemos considerar que o olhar voltado ao passado, mesmo baseado em fatos, encontra-se permeado por uma evocação fantasiosa, conforme as construções mentais sedimentadas ao longo da vida. Nessa trama, há restos esquecidos ou ausentes, mas apenas aparentemente, já que se mostra suscetível a manifestações ao longo da vida do sujeito. (ZAVARONI, VIANA E CELES, 2007, p. 114).

Por meio dos estudos e vivências da psicanálise, em geral procura-se realizar o resgate não do fato tal como tenha mesmo ocorrido, como se fosse uma reprodução fiel, mas a maneira peculiar como foi inscrito no psiquismo, vindo a direcionar a constituição do sujeito como também a maneira como este evoca o passado. Durante esta parte deste memorial, é importante salientar que a infância na vida psíquica do sujeito se estabelece em dupla direção, ou seja, na constituição do sujeito enquanto tal e a interpretação sobre tal constituição. Isso quer dizer que as vivências infantis são fundamentais para a constituição subjetiva tal como cada um de nós a realiza e, também, pelo modo como passamos a sentir, pensar, compreender, falar e, claro, lembrar, mas esquecer sobre tal constituição, a qual não é conscientemente realizada. (ZAVARONI, VIANA E CELES, 2007 *apud* BRITO, CANAVEZ, 2016, p. 106).

Aquela escola também foi palco do meu ano mais revoltado durante todo o período em

que estive dentro da educação formal, a segunda série, hoje chamada de terceiro ano do fundamental I. Por muito tempo tentei retomar aquele período e fazer esse movimento de compreensão do porquê eu me tornei tão desobediente. As amigas foram um fator. Era um trio, eu, Bruno e Leticia, fazíamos de tudo, menos ficar dentro de sala de aula. Me lembro de passar horas e horas no pátio conversando com eles sobre as coisas que faríamos no futuro, geralmente ficávamos escondidos no barranco atrás da quadra ou sentados perto da cozinha. A professora caía aos prantos, várias vezes a vi chorar compulsivamente, sempre nos ameaçava dizendo que iria chamar o irmão ou o marido que era policial para dar um jeito na gente. Quando estávamos na sala, não a deixávamos dar aula, por isso pegávamos nossas mochilas e saíamos correndo para o pátio.

Um outro fator que talvez, naquela época, inconsciente, era minha mãe. Não me lembro quando comecei a visitá-la em “visitatórios”, ela exigiu que houvesse essas visitas semanais e por isso aos domingos vovô me levava nesse lugar e eu passava algumas horas com ela.

A questão central é que eu não tinha nenhum tipo de conexão com ela. Não a enxergava como minha mãe, nem mesmo como uma parente. Os familiares nos quais eu possuía mais contato não falavam dela, não tocavam no assunto na minha frente. Gutierrez & Pontes (2011, p.17) dizem que: “A transmissão transpsíquica ocorre através das gerações no sentido descendente, sem contato direto, ou seja, as gerações passadas transmitem às gerações presentes um material não transformado e não simbolizado, constituído de segredos, não - ditos e interditos”.

De forma subconsciente existem acordos que definem tipos de relações subjetivas que são incluídas ou excluídas nos grupos familiares. Esse acordo atende ao interesse do grupo maior a partir de sua ideia de formação, de concepção e organização familiar. Dentro das transmissões transpsíquicas nasce o pacto degenerativo que surge como resistências cuja a função é de preservar o vínculo e a convivência daqueles que estão incluídos dentro dele.

Quando um acontecimento com potencialidade traumática não é adequadamente elaborado, se converte em ‘passados sob silêncio’, mantidos em segredo, produzindo ‘restos insensatos’, ‘enigmas’, ‘impensados’, ‘assombrações’, ‘criptas’, uma vez que a transmissão da vida psíquica é passível de ‘bloqueios’, de ‘panes’ e de retenções. (GUTIERREZ & PONTES, 2011, P.18).

Então, não existia um apoio ou mesmo interesse nos outros membros da família para que eu me relacionasse com ela, não me lembro de ser incentivado a estabelecer qualquer tipo de vínculo com minha mãe e me parecia sempre que, ao encontra-la eu estava fazendo algo desconsonante com o resto da família. Essas visitas eram conturbadas, ela me levava brinquedos e comida, mas mesmo assim não existia laço afetivo. Me lembro de em várias ocasiões ser muito agressivo e violento com ela e isso com certeza acabou refletindo no espaço escolar.

Depois desse ano conturbado, a escola decidiu separar a sala, Bruno foi para outro

período e Leticia mudou de turma, assim como Gabriel que nos auxiliava de vez em quando em nossas malvadezas também foi para outra turma.

O período das cirurgias retornou, me lembro de faltar por um longo período naquele ano seguinte. A nova professora era totalmente o contrário da anterior, tinha mão firme e não tolerava indisciplina. Desse ano, me lembro de ter me afastado da escola por uns meses, como também me recordo de fazer algumas atividades escolares no hospital, foi o tempo em que mais fiquei afastado da escola. No último ano do ensino fundamental I me lembro de ser um aluno muito estudioso, a sala era bem tranquila e o único atrito que tínhamos era com a sala ao lado: a nossa professora tinha uma rixa com a professora da sala 11. De qualquer forma, fiquei muito triste de ter que deixar aquela escola e, principalmente, aquela turma, e ainda hoje tenho amizades incríveis daquela época.

A partir do meu nascimento houve cada vez mais desentrelaçamentos familiares. Eu fui vendo a família que, na minha infância tinha uma certa tradição de reuniões, festas, comemorações, se desintegrar. Minhas tias e meu tio se separaram, seus filhos foram embora para o mundo, minha mãe também, depois que eu nasci, se afastou da família. Meu tio brigou com as irmãs e começou a diminuir o contato e assim as festas ficaram cada vez mais vazias. Me lembro, na minha infância, daquela “gentarada” efeverscente, um monte de corpos amarrotados entre a sala e a cozinha, o portão abrindo e fechando, a fumaça do churrasco invadindo a casa chegando a lacrimejar os olhos dos convidados, pessoas conhecidas e desconhecidas e eu, miúdo, passando entre eles, o samba tocando a pino, milhares e milhares de latinhas de cerveja, falava-se de política e futebol, dava-se altas gargalhadas. Nas palavras do vizinho que conviveu com tudo isso “naquela casa só entra puta e maconheiro”. As recordações são hilárias e cheias de detalhes que não cabem neste memorial, infelizmente, não são memórias minhas.

*Figura 2 – As Festas*



Fonte: Acervo Pessoal (1980)

#### 4. ENSINO FUNDAMENTAL II

Em 2007, após o maior período vivenciado dentro de um mesmo espaço escolar, tive que me mudar para outra escola. Eu passaria os próximos sete anos nessa nova escola. Ela era localizada ao lado da escola anterior, apenas minha mãe havia estudado lá e, na época, me lembro das súplicas que ela fez para que eu escolhesse outra, mas como já falado acima, o poder de decisão de minha mãe sobre a minha vida era nulo, apesar de que, nessa época, a nossa relação tenha se expandido e aprofundado a partir de encontros semanais na casa dos meus avós.

Por conta de alguns problemas que eu tinha com a minha bexiga, que ainda se recuperava dos tratamentos, meu avô pensou em me colocar em uma particular, mas a fama da particular do bairro era pior do que a da pública, lembro de ter ido visitar essa particular e ficar horrorizado com o espaço pequeno do pátio dela, que era apenas um corredor e uma parte coberta com algumas mesas para sentar e lanchar. Sair de uma escola que ocupava meio quarteirão para ficar naquela que parecia menor do que a vila onde eu morava, não me soava como uma transição adequada.

Por isso, decidi que queria ir para a tal escola de má fama. O pátio era obviamente menor do que a anterior, mas muito maior que a da escola particular, as salas eram muito quentes, me lembro da professora de matemática trazer um ventilador a pilha para a sala e durante as aulas, ela deixava-o ao lado dela, durante aqueles dois anos em que estive em sua presença, a vontade de quebrar aquilo na parede nunca cessou. Não foram anos fáceis. A turma era praticamente desconhecida.

Era uma escola que atraía os alunos dos bairros mais afastados e mais periféricos, e relatos me diziam que em comparação com as instituições escolares desses bairros essa escola era uma escola boa. De fato, não era uma escola ruim, havia muitos professores que se esforçavam, outros nem tanto, mas a comunidade escolar era muito agradável, desde as tias da cozinha até a diretora e vice-diretora. Por conta dos meus problemas de saúde, meu avô sempre fazia questão de ir à escola para conversar, eu me desintegrava de vergonha. Como eram muitos professores a conversa não poderia ser com todos, não era viável, mas lembro de ele ter falado com a coordenadora e a vice-diretora e elas passaram os sete anos seguintes olhando pra mim sempre de um jeito de dó ou pena.

Foram anos decisivos na construção da minha identidade e no aprofundamento das relações, por que era uma escola que certamente apresentava um desafio maior tanto no aspecto desse contato com todos esses diferentes professores quanto no próprio contato com crianças e

adolescentes mais velhos que eu. Existia uma ou duas turmas do primeiro ano do ensino médio que dividiam o intervalo com a gente e isso era amedrontador. Naqueles primeiros anos consegui achar meus pares e manter uma relação legal com um determinado grupo e conforme os anos foram passando, nós fomos nos conectando mais, a partir de gostos e interesses em comum. Eu era um bom aluno em relação à disciplina, mas não era tão bom estudante, me comportava na sala e tinha um desempenho de médio para bom, mas nada além disso.

O pátio era um mundo de gente e existia um certo clima de vigilância, parecia que qualquer deslize alguém seria o zoador da vez, e eu sempre apresentei muito material para zoação e nessa época isso só aumentou. Então, esse sentimento acabou influenciando muito na minha experiência com a escola em geral, uma vez que havia uma sensação de insegurança constante. Isso foi se mantendo, até que no oitavo e nono ano eu comecei a faltar muito. Me lembro de gostar muito de ir na sessão das 14 horas no cinema que era três reais a meia-entrada, entrava no ônibus, que era no caminho da escola, e ia para o shopping assistir a algum filme, geralmente um filme nacional.

Me lembro de ter feito alguma cirurgia nessa época que acarretou em um afastamento maior ainda da escola. Tinha um fator importante que se agravou no primeiro ano do ensino médio que era: quanto menos eu ia para a escola, menos as pessoas conversavam comigo, mesmo os amigos mais próximos, ninguém quer ser amigo do “turista” que nunca vai e quanto menos as pessoas falavam comigo na escola, menos eu queria ir, então era um ciclo vicioso e a partir disso eu fui me tornando cada vez mais introspectivo, fone de ouvido, capuz na cabeça, livro na mão e silêncio total.

Os professores nem ligavam, o ensino em sua grande maioria era tradicional, expositivo, bancário (FREIRE, 1998), a professora de História sentava na mesa com o notebook dela, passava os slides e pedia para copiarmos, isso quando ela não preenchia duas lousas para a cópia, a de Ciências solicitava-nos que preenchêssemos a apostila que o governo havia enviado, em que a maioria de nós encontrava as respostas na internet e esse era basicamente o padrão de todos. A única aula que eu gostava era Geografia, mas a professora ficou grávida e só voltou quando eu já estava no ensino médio. De resto, nada ali me instigava.

## 5. SEM FRONTEIRAS

Os últimos anos nessa escola fizeram parte de uma virada inesperada na minha vida. Meus avós sempre tiveram condições de bancar uma vida tranquila e por assim dizer, economicamente estável e confortável com suas aposentadorias. Por isso, decidiram que eu poderia realizar um intercâmbio para fora do país, então, esse foi praticamente o assunto do meu segundo ano do ensino médio. Em algum momento daquele ano eu estaria em solo norte-americano.

Foram meses e meses de papelada e correria, obviamente que fomos atrás do pacote mais barato possível. Aos poucos, fui descobrindo, onde eu iria ficar, onde eu iria estudar, depois com quem eu iria morar e por fim quando eu iria partir. Eu tinha dois anos de curso de inglês, no qual, eu fiz “nas coxas”, pra mim o curso era uma extensão da escola porque grande parte dos alunos da escola estudavam também no cursinho de inglês do bairro. Ainda assim, me lembro de estar confiante em relação ao idioma. O dia chegou e eu fui embora.

Foram 10 meses longe do Brasil. Morei no estado de Luisiana, no sul dos Estados Unidos, em uma cidadezinha minúscula chamada Breaux Bridge que tinha, assim como o estado todo, grande influência francesa. A família com quem eu vivia era composta por uma mulher e seus dois filhos de 25 e 30 anos, todos negros. Eles viviam numa espécie de conjunto habitacional. Todos eles trabalhavam na loja de departamentos “Walmart”.

A escola era cerca de uns 20 minutos dali, mas se encontrava em outro distrito. Não foi fácil. Junto com a filha da mulher que morava comigo residia também uma outra intercâmbista brasileira, praticamente nos tornamos irmãos e acredito que fomos o porto-seguro um do outro. Na escola, as indicações eram que nós precisávamos assemelhar o máximo possível o currículo norte-americano do nosso, então, tínhamos que sentar com as “conselheiras” e tentar entender o que a escola poderia nos oferecer em relação ao currículo brasileiro. Existia um leque de opções de disciplinas que não havia no Brasil, desde culinária até informática, entre outras. Me lembro de naquele primeiro semestre escolher química 1, francês 1, geografia e acredito que inglês 1 (relacionada à disciplina de português aqui). As disciplinas eram relativamente tranquilas, os professores eram muito pacientes e sempre consegui um rendimento satisfatório, não muito longe do rendimento que eu tinha no Brasil.

A maneira de organização do ensino me ajudava muito. Basicamente, toda semana era uma matéria nova. Na segunda-feira tínhamos uma apresentação dessa matéria, uma aula expositiva, na terça-feira uma continuação mais aprofundada de alguns tópicos, na quarta-feira alguns exercícios/questões sem valer nota para treinarmos e discutirmos. Na quinta-feira a

continuação desses exercícios e uma pré-prova, na sexta-feira uma prova. Pronto! Segunda-feira nova matéria e o mesmo esquema, isso em todas as disciplinas, desde álgebra até francês. O boletim vinha toda semana.

Fui ao baile de formatura, de terno, com acompanhante e tudo. Participamos das loucuras da “Black-Friday”, fui aos jogos de futebol americano, a casamentos, comemoração da Ação de Graças, Natal, Ano Novo, Texas, Nova Iorque, realizei diversos trabalhos voluntários na escola. Para descrever tudo aqui seria necessário um outro memorial, mas antes de encerrar esse capítulo, algo que eu gostaria de enfatizar e a quem também faz parte a dedicatória deste memorial, é sobre Elliot. Meu “irmão” de lá que vivia junto comigo na casa. Hoje, ele já não está mais nesse plano, mas sua presença se faz significativa nesta retomada de memória, porque é a partir dele que retomo e exerço uma reapropriação da minha condição como homem negro dentro neste mundo que, antes se alimentava mais de um entendimento exterior branco do que de um entendimento interior negro. Esse entendimento ocupa um lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação, principalmente no entendimento identitário negro. Na perspectiva de que dentro de suas particularidades um homem negro pode produzir inteligência e conhecimento, pode ser autosuficiente e independente frente à hegemonia branca de pensamento sobre o seu corpo e suas ações, a partir de Elliot, eu me tornei negro. As madrugadas que passamos conversando nunca serão esquecidas e tenho certeza que ele hoje vive através de todos aqueles que o amaram. Caminho todos os dias nessa terra com a responsabilidade de honrá-lo e de carregá-lo comigo, dentro de mim. A memória é uma fonte de imortalidade, o antídoto do esquecimento e nela está inserida as concatenações dos atos de sua alma e de sua vida. (LE GOFF, 1990, p.378).

*Figura 3 - Natal nos Estados Unidos*



Fonte: Acervo Pessoal (2013)

## **6. POR ONDE ANDA VOCÊ?**

Em meados de junho de 2018, eu fiz meu retorno ao Brasil e em agosto voltei para terminar o meu terceiro ano no ensino médio. Quando eu estava fora não havia percebido tanta mudança, foi só quando eu retomei as relações aqui que eu notei o quanto eu tinha mudado. Eu tinha voltado a ser aquela pessoa aberta, expansiva, querendo a todo custo fazer amizades novas e participar mais das atividades, das festividades. Aquele último semestre foi certo para eu terminar a experiência escolar com algo positivo, fiz mais amizades naqueles poucos meses do que durante a minha vida toda dentro da escola, participei de tudo que eu poderia participar e fui muito feliz e realizado, as minhas grandes amizades que levo até hoje comigo, sete anos mais tarde, foram feitas naquele período.

Após o encerramento do ensino médio, a busca agora era entrar em uma universidade federal. Foram cerca de dois anos e meio, entre cursinhos e estudos autônomos e mais cirurgias para chegar até a Universidade Federal de Ouro Preto, a UFOP. Naquele começo de 2017, eu havia conseguido a nota suficiente para o curso de Pedagogia na UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos), mas no ato da minha matrícula houve alguns problemas e fui impedido de ingressar. Fiquei muito chateado, chorei compulsivamente as duas horas de viagem de São Carlos até São Paulo. Até que no segundo semestre daquele ano foram abertas as matrículas remanescentes em outras universidades, fiquei entre UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e a UFOP, escolhi a UFOP e assim começou a minha jornada na academia.

## 7. ESTRADA NATURAL

Me mudei para Minas Gerais, ao contrário de muitos conhecidos paulistas, eu nunca havia ido à Minas, nem tinha parentes ou conhecidos por lá. Há três anos e meio moro na cidade de Mariana e sou graduando no curso de Pedagogia. Parece-me mais difícil falar de uma experiência que ainda está acontecendo do que uma experiência que já ocorreu. Eu sinto a mudança, na minha fala, na minha escrita, nos meus pensamentos, na maneira de me relacionar com as pessoas, nas diversas visões de mundo que pude ter contato na academia, no crescimento pessoal e autônomo. Tudo isso eu sinto dentro de mim e sei que ocorreu e ainda está ocorrendo.

No que diz respeito à experiência de estar em contato com a academia, considero que esta é bastante única e vejo nos relatos que cada um a encara de uma forma diferente, por conta das bagagens trazidas de outras experiências, que dentro de ambientes educacionais contam bastante. Por algum motivo eu sempre tive uma confiança muito grande em explanar meus pensamentos e me impor dentro da sala, pouquíssimas vezes me senti intimidado a ponto de ficar quieto frente à uma situação ou a um assunto no qual eu achava importante opinar, mas isso é longe de ser uma realidade, pelo menos nas turmas que tive contato na Pedagogia. Conforme os anos foram passando eu fui ficando menos flexível e mais objetivo nas atividades e trabalhos dentro da universidade, uma vez que, no começo tudo é novo, mas conforme os semestres vão passando, você vai fazendo mais cortes. Parece haver uma centralização maior de pensamentos e de ações, e você vai se enxugando e entrando nos parâmetros do que a academia espera de você.

O espaço proporcionado para o debate, a reflexão, as conversas, isso não há como se fazer uma relativização, a abertura para o fenômeno educativo acontecer é bem dinâmico e falando especificamente do caso da UFOP, a conexão com os professores é muito próxima, acredito que faz parte da própria relação com o campus, que é mais reservado, não tão extenso em tamanho, assim como a cidade que é tranquila, tudo transmite uma atmosfera mais acolhedora que, para mim, e acredito que para muita gente é um aspecto facilitador para a aprendizagem e para a adaptação frente aos desafios proporcionados por essa fase da vida.

## **8. PEDAGOGIA, A DOCÊNCIA, O SONHAR E A UTOPIA**

Para ser sincero, nunca me passou pela cabeça que haveria um processo no qual dentro dele ocorreria o ensino e no qual poderia ocorrer a aprendizagem e que teóricos, pensadores e educadores se debruçavam exaustivamente sobre tudo isso. Na verdade, dentro da universidade você percebe que o mundo já foi pensado e repensado de várias formas, cada pedacinho dele foi concebido e imaginado e pesquisado e estudado e entendido.

Tem pessoas que pensam sobre o processo de alfabetização dos seres humanos e aquisição de uma linguagem, assim como tem pessoas que estudam sobre essa linguagem e todas as ramificações desses estudos e então tem alguém que pensa sobre os currículos, o que os alunos devem ou não aprender e outra pessoa que pensa as políticas que envolvem os trâmites educacionais da gestão escolar do chão da escola até o âmbito federal. Eu sabia que a gama de possibilidades era maior do que em outras áreas que eu imaginava cursar, mas nunca imaginei que seria tão diversificado.

Por isso, o envolvimento com a Pedagogia foi muito completo, em meu entendimento, consegui me envolver com cada um desses segmentos de estudos e suas propostas para acabar chegando a um único educador atuante e detentor de todo esse conhecimento. O fenômeno educativo é complexo, as variantes que estabelecem todo esse processo são diversas e podem ir do método de ensino à condição social do educando, passando por questões como o próprio currículo e o material didático, mas ainda assim ele instiga porque é um processo contínuo. Parece que os alunos e alunas nunca cessarão de chegar e você nunca cessará de continuar exercendo o processo de formação.

A universidade me proporcionou diversos tipos de contatos com os alunos desde estágios até pesquisas. Em meu primeiro estágio, acabei-o estendendo por um ano letivo inteiro, só para enfrentar o desafio de participar daquela experiência e ter a certeza de que escolhi a profissão certa, foi gratificante e nunca me esquecerei aquele ano. Compreendo as dificuldades que um/a professor/a nesse país enfrenta e muitas vezes elas acabam me chamando mais atenção do que deveriam e acabam me imobilizando frente ao meu dever, mas ainda assim são pontos persistentes e que devem ser incessantemente debatidos e trazidos à luz da sociedade para que possamos cada vez mais elevar a valorização dessa profissão.

Como educador, obrigado pelo dever do ofício e pela moral social e civilizatória que rege as entranhas de meu ser quero que haja uma segunda abolição, a abolição do sonhar. O meu trabalho dentro de sala de aula é ser o espelho que engrandece e que reforça a identidade, a diversidade, a multiculturalidade, a inteligência individual, a força do coletivo, a vivência em todos os seus aspectos e principalmente, o sonho. O sonho como ato de conhecimento e de

construção também é um fenômeno político.

“Um dia eu ainda vou me redimir inteiro do pecado do intelectualismo”. (GILBERTO GIL, 1973). Essa citação é fundamental para entender o meu papel como provedor de mediação e alicerce de algo que não é para mim, é para outros. Sou apenas um representante do mundo na escola e como tal não é meu direito inibir ninguém e muito menos fazer alusão a algum tipo de hierarquização ou mesmo ser um revendedor de uma cultura hegemônica e massificada no intuito de perpetuar uma condição permanente dentro de um modelo de sociedade no qual eu desacredito.

“A questão do sonho possível tem que ver exatamente com a educação libertadora, não com a educação doméstica [...] enquanto prática utópica” (FREIRE, 1982, p.100). A utopia na citação de Paulo Freire não é em relação ao impossível ou o irremediável ou mesmo ao inconquistável, mas em relação a transgressão frente as armadilhas que nos eximem de sonhar e de incentivar o sonho, a própria noção e percepção de uma prática que está além e que visa uma educação libertadora (e sonhadora) é uma prática utópica. Utópica no sentido de que a partir do desconhecido nós incentivaremos outros caminhos, outras narrativas, outras viagens, outras histórias e outros modos de viver.

A compreensão da dinâmica e construção da teoria freiriana se dá por trocar a armação dos óculos que é imobilizada pelo tempo tradicional, conservador e elitista por uma lente que tem o infravermelho da empatia, da escuta, do contexto social, do ambiente. É acender a lanterna para os desalumiados sociais, políticos, econômicos, a margem do apogeu civilizatório, entender que uma prática libertadora permeia todos esses campos e todas essas perspectivas e sonhos, é como viajar em um outro barco, é descer em uma outra estação, é sentar em um outro banco do ônibus, é mastigar com outros dentes, é chorar com outras lágrimas e sonhar com outra vida, é uma prática utópica porque se tem a chance de a partir dela, entende-la, respeitá-la, analisa-la e criar novas situações ou, pelo menos, incentivar outros desfechos e outros contos, ouvir novas utopias e novos sonhos. É educar para libertar, é aprender para sonhar, é sonhar para viver.

## **9. CONCLUSÕES FINAIS**

Um fator decisivo para a escolha do gênero memorial é que, ao contrário, de outros gêneros de TCC, o memorial introduz o narrador-autor como o “herói” de sua própria história, aproximando sua vida intelectual com a sua vida científica e acadêmica. Ele proporciona uma reavaliação de caráter valorativo sobre as experiências subjetivas do sujeito, como também, constrói a partir desses vestígios mnemônicos oportunidades de conceber um entendimento

entre passado e presente. Essa interação é fundamental, uma vez que o indivíduo tem a chance de sintetizar uma análise sobre esses dois tempos, não apenas para uma edificação de pensamentos e concepções, como também para uma compreensão panorâmica e relativamente profunda de autoconhecimento. O discurso autobiográfico não se produz fora do sujeito, posto que é um sintoma interpretativo dentro da construção de sentidos, que são fortemente mediados por ideologia, contexto, história e linguagem de quem o narra.

Este memorial é, portanto, uma instância em que, indubitavelmente, eu aprendo a realidade através da rememoração, bem como, da interpretação e ressignificação. O texto propõe a ideia de que o domínio da representação tem valor de realidade, ou que, pelo menos, tem para o seu narrador. Portanto, a partir dessa revisitação, o narrador-autor, para além da pura contemplação passiva da rememoração, ele consegue através do processo de ressignificação, colocar-se do lado de fora e mobilizar uma separação ativa do objeto e do autor, buscando definir um sentido mais amplo dentro de um distanciamento e uma visão panorâmica de suas experiências entre passado e presente. Em outras palavras, a rememoração da vida viva não é, por princípio, a autorreflexão da vida em movimento, mas ela pressupõe um outro sujeito, um sujeito situado do lado de fora dos limites dessa vida.

O ato realizado é um resultado ou soma final, uma consumada conclusão definitiva, mas sempre temporal, datada e condicionada pelas possibilidades de experiências presentes. O gênero memorial abriga o interior da possibilidade como tal, para o que ocorre uma única vez, um momento vivido possa dentro das memórias do indivíduo ocorrer ilimitadas vezes e ser analisado e revisitado em tempos e épocas diferentes. Seria um erro assumir que essa verdade concreta do evento que o realizador do ato vê, ouve, experimenta e compreende no ato único da ação, só possa ser vivamente experimentado no momento do ato, mas não pode ser enunciado clara e distintamente assim propondo ilimitadas possibilidades de reviver esse momento, portanto, esse ato ele se torna algo ainda a ser alcançado, pois é dependente das validações e revalidações que passará por toda minha vida, inclusive sujeito ao esquecimento eterno.

Por isso, todos os momentos citados nesse texto não são meros objetos dados e concluídos, os objetos são dados em conjunção com outros dados. A minha atitude valorativa em direção ao objeto, sobre o que é desejável ou indesejável nele coloca-o em direção do que ainda está para ser determinado nele, torna-se um momento constituinte da ação viva em processo.

Se o objeto estivesse totalmente terminado ou que o meu “eu” atual estivesse indiferente a ele não poderia ser estabelecida relação consciente nenhuma, dito isso, dentro desse pensamento abstrato nós nunca compreendemos uma ação em seu pleno sentido, pois o puro dado não pode ser realmente experimentado. Em sua correlação comigo, um objeto é

inseparável da sua função no ato em processo. Mas essa função do objeto dentro da unidade do ato real que nos abrange é seu valor real, é inserido na autobiografiação de lembrar e reposicionar tal ato que a interconexão é reestabelecida no presente. Na medida em que eu esteja realmente experimentando um objeto, mesmo que eu faça isso em pensamento, ele se torna um momento mutante do ato em processo da minha experiência (pensamento) com ele, isto é, ele assume o caráter de algo-ainda-para-ser-alcançado. (BAKHTIN, 1993).

As contribuições de Maurice Halbwachs em *Memória Coletiva* (1990) influenciaram na percepção de que não existe um único tempo, mas sim, que existem tempos sociais. A minha memória ela sobrevive a partir das interações que eu estabeleço com os grupos, permitindo a compreensão de que há muito mais do que um “eu” dentro de mim, mas há também um “nós”. São esses diferentes pontos de vista sobre a minha própria história que me auxiliam na compreensão de sua totalidade dentro de todos esses tempos sociais. Posto que faço parte de um grupo, adoto pontos de contato com as lembranças de outros e me deixo tomar por seus pontos de vistas, faço isso na medida em que também uso todas as noções que são comuns a seus membros assemelhando-as a minha própria história e ao meu próprio entendimento de mundo e de mim mesmo.

A partir das contribuições das leituras de *Tempo e História* (1992) de Adauto Novaes, trago a noção de reversibilidade do tempo que faz a reiteração dos movimentos e refaz esse caminho entre passado e presente, buscando compreender um dentro do outro e vice-versa. Em meio a isso, busco realizar essa contínua atualização do tempo inatual do passado dentro do tempo efetivo do presente, esse movimento é fonte inesgotável de análise e reflexão dentro deste memorial e daí surgem todas as ressignificações e reencontros dentro do convívio dos tempos que um texto como esse tem a potência de mobilizar.

As passagens da minha vida que foram relatadas nesse memorial não são meramente lembranças aleatórias, elas continuam a existir em seus fragmentos e não estão necessariamente entrelaçadas no tecido unitário do meu pensamento atual efetivo, mas em sua interconexão de conteúdo dentro de um carácter emocional e valorativo para o ser humano atuante no atual presente do sentido. A revisitação ao meu processo de formação dentro do ensino tradicional regular é uma oportuna anacronia que me permitiu rememorar e compreender a força da formação discursiva que permeia a narração desses analépticos fatos e os insere na peneira muito mais encorpada entre subconsciente e consciente, permitindo assim que eu reforce esse processo de legitimação da formação e da evolução intelectual efetiva em sua totalidade. Nesse período final na graduação, promover esse encontro de “sujeitos”, uma vez que eu fui sujeito “aluno” e hoje estou prestes a me tornar sujeito “professor”, dentro dessa possibilidade alocutária de refletir sobre esses dois sujeitos, bem como, sobre esses tantos períodos que estes

mesmos passaram para chegarem onde chegaram é indispensável.

## REREFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. 1993, 108 p.

BRITO, Wallace da Costa; CANAVEZ, Fernanda. **A memória nos textos iniciais de Freud. Est. Inter. Psicol.**, Londrina , v. 7, n. 2, p. 101-122, dez. 2016 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072016000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 mar. 2021.

CAETANO VELOSO. **Sampa**. São Paulo. Phillips (CDB). 1978.

FREIRE, P. (1998). **Pedagogia do Oprimido**. 25<sup>a</sup> ed. (1<sup>a</sup> edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. **Educação: o sonho possível**. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). O Educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, 1982. 91-101. Disponível em: <<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1460>> Acesso em: 20 de abril de 2020.

GILBERTO GIL. **Iansã**. Gilberto Gil Ao Vivo na Escola Politécnica da USP – 1973. São Paulo. Gege Produções Artísticas. 1973.

GUTIERREZ, Denise Machado Duran; PONTES, Karine Diniz da Silva. **Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. Rev. NUFEN**, São Paulo , v. 3, n. 2, p. 3-24, dez. 2011 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912011000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 13 abr. 2021.

Halbwachs, Maurice. 1877-1945. **A memória coletiva** / Maurice Halbwachs. - São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990. - (Biblioteca Vértice. Sociologia e política) ISBN 85-7115-038-9 1. Memória 2. Memória - Aspectos Sociais 3. Sociologia 1. Título. II Série. CDD-302-301

NOVAES, Aduino. **Tempo e história/organização**. - São Paulo. Companhia das Letras: Secretária Municipal da Cultura, 1992.

SARTORI, Adriane Teresinha. **Os professores e sua escrita: o gênero discursivo "memorial de formação"**. 2008. 219p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269810>> Acesso em 10 de setembro de 2020